



COLUNA LIVRE

AFINAL, QUAL O PAPEL DA GEOGRAFIA NA ATUAL CONJUNTURA BRASILEIRA?

Lucas Azeredo Rodrigues

lucas.azeredo.rodrigues@gmail.com

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFSC
 Grupo de Estudos sobre Dinâmicas Regionais e Urbanas – GEDRI (CNPq)
 Laboratório de Estudos sobre Circulação, Transporte e Logística – LABCIT (UFSC)
 Bolsista CAPES-DS

O nosso país vem atravessando diversas crises nos últimos seis anos no âmbito econômico, social, político, científico, ambiental, saúde, segurança, educação, dentre outros movimentos, que interferem diretamente no cotidiano do brasileiro. Essas crises agravaram-se com as diferentes e frágeis políticas neoliberais que tentaram ser impostas num país em crescimento, a partir da tentativa de implementação de um Estado de bem-estar social.

Mas, afinal, qual é o papel da Geografia nisso?

Para respondermos a essa pergunta, inicialmente precisaríamos voltar àquele velho debate “O que é Geografia?”, ou melhor, “Qual é o objeto de estudo da Geografia?”. Não iremos aqui, entrar nesta discussão sem fim do

meio acadêmico, mas apenas mostrar a importância que nós geógrafos temos, na compreensão da nossa triste (e infelizmente) realidade nacional.

Não precisamos ir tão longe na história do pensamento geográfico para entendermos que o objeto de estudo da geografia é o espaço. Autores mais recentes da geografia crítica como Milton Santos (1996) e Roberto Lobato Corrêa (1987) já sintetizam a importância desta ciência para sociedade.

Segundo Corrêa (1987, p.53) “o objetivo da geografia é, portanto, a sociedade, e a geografia viabiliza o seu estudo pela sua organização espacial”. Para o autor, a organização social é a materialidade social, ou melhor, a sociedade espacializada. O que nos leva a refletir que o objeto de estudo da geografia é a sociedade, no entanto, cabe

a nossa ciência compreender a forma que ela se organiza.

Em complementaridade do que foi exposto, é fundamental resgatar o pensamento de Santos (1996, p.21) quando se trata de “que o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Ora, trata-se na verdade da percepção de interações espaciais trabalhada por Corrêa (2016), uma ação dialética entre os diferentes objetos e formas que constituem as ações que formatam o espaço geográfico, resultante das diferentes realidades expressas pelo meio e pela sociedade.

Neste sentido, temos a percepção de que a geografia é uma ciência (única) capaz de compreender as diferentes realidades expressas no espaço geográfico. Seja geografia Física ou Humana, Pós-Moderna ou Marxista, a Dialética da Natureza ou Teoria Geral dos Sistemas. A essencialidade, que faz da Geografia uma ciência única (e não uma de síntese), é o estudo do espaço.

A Geografia assume um papel fundamental para compreender a expansão da pandemia que assola o planeta, o Coronavírus. A complexibilidade que podemos entender a partir da leitura do espaço, abrange as diferentes áreas do conhecimento, as quais buscam cada vez mais colaborar para a “solução” do problema.

A utilização do SIG (Sistema de Informações Geográficas) se torna uma peça fundamental para entendermos o avanço do vírus pelos países, no momento em que se localiza os pontos

disseminadores da doença, a priori vemos que são áreas de constante circulação.

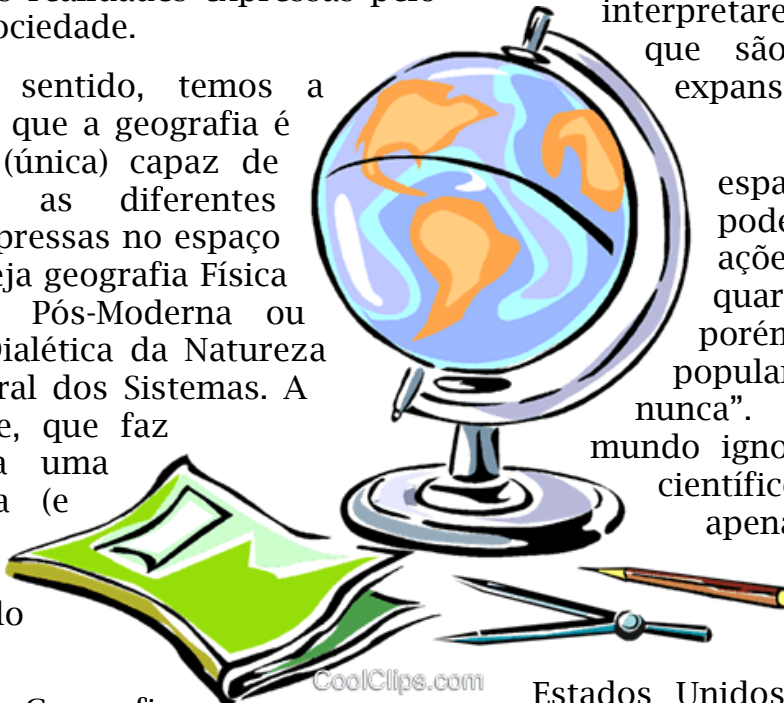
Ora, a circulação foi um dos fenômenos que elevaram o patamar da ciência geográfica quando os precursores da ciência, como Friedrich Ratzel (1844-1904) tratava desta temática como uma forma de interligação entre fenômenos espaciais. Este é mais um motivo para retomarmos àquela ciência do espaço.

Haja vista, no momento em entendemos que a circulação é o principal meio de transmissão do coronavírus, cabe aos estudiosos da Geografia, interpretarem as formas de interação que são capazes de inibir a expansão espacial do vírus.

Delimitando o recorte espacial para o Brasil, podemos ver que muitas das ações, inclusive de quarentena, foram tardias, porém, como diz o ditado popular, “antes tarde, do que nunca”. Diversos países pelo mundo ignoraram o aviso do meio científico, inclusive julgando ser apenas uma “gripezinha”, até a crise de mortalidade bater na porta.

Espanha, Itália, Estados Unidos, Reino Unido e Brasil, países que ignoraram as recomendações de isolamento e restrição da circulação (principalmente de pessoas), são hoje (06/04) os que apresentam os maiores índices de obtidos.

No Brasil, o descaso pela ciência se apresenta desde 2016, após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, com a PEC 241 (ou PEC 55) que congelou os gastos públicos. Medida justificada por Michel Temer, que buscou durante seu governo de um ano e meio, sucatear cada vez mais a pesquisa no país.



Não obstante, com as eleições de 2018, a ascensão seguida de uma derrocada (já esperada) do Governo Bolsonaro, demonstra o retrocesso socioeconômico do país e o desmantelamento das bases sociais, principalmente na área da saúde e educação. O retrocesso econômico deixa de forma ilustrativa (menos para quem não quer ver) o favorecimento da elite financeira e dos bancos, pelo neoliberalismo de Paulo Guedes.

Enfim, são muitos os retrocessos, mas que hão de passar. A emergência do Coronavírus no mundo pôs em xeque o recente modelo de gestão capitalista. Não que seja o fim, mas nessa recessão aprofundada pela pandemia, será de estopim para a emergência de novos modelos, que serão substanciais para a ascensão econômica.

Veremos cada vez mais o *home-office*, a precarização dos serviços essenciais, aumento das atividades a distância, menos interações sociais, dentre outras ações. Mas, alguém vai ganhar com isso, quem? (reflita)

É neste sentido que precisamos fazer uma reflexão do nosso papel como geógrafos, seja como professor, pesquisador, profissional da área ou simpatizantes. Talvez esse, seja o momento de expressarmos a importância da nossa ciência.

Faça uma reflexão acerca da temática que você trabalha: O que a geografia tem para contribuir neste momento?

Da Geografia da Circulação, as estreitas ligações com os meios de transporte; Geografia da População, o entendimento das segregações socioespaciais em prol de equalizar ações afirmativas em áreas periféricas; Geografia Urbana, a interligação da hierarquia urbana e o avanço do vírus; Geografia Econômica, medidas que visam a manutenção mínima da economia (principalmente dos circuitos inferiores da economia); na Geografia da Saúde, os estudos atrelados à epidemiologia; assim as outras infinitas possibilidades de análises conjuntas com as soluções para as problemáticas que hão de vir à tona no nosso país e no mundo.

Diante de tudo o que foi exposto aqui, fica evidente a importância que a Geografia possui nos tempos atuais. Seja enquanto ciência ou como disciplina escolar, a Geografia é área que infelizmente ainda é desvalorizada, mas que depende de todos nós para ter seu devido reconhecimento. Não se trata de definir o que é, mas sim, de alertar a todos, que mesmo em momentos de profundas crises, pessoas precisam entender as interações no espaço, isto é, a sociedade entender que simples reorganizações espaciais (mesmo que temporárias) são a nossa saída para esta crise. Pode ser que não seja de imediato, mas num futuro, quando tudo isso passar, teremos que estar prontos para os novos desafios, e as próximas gerações terão impacto maior, num mundo cada vez mais globalizado.

Referências Bibliográficas

CORREA, Roberto Lobato Azevedo. **Processos, Formas e Interações Espaciais**. Revista Brasileira de Geografia, v. 61, p. 82, 2016.
_____. **Região e Organização Espacial**. 2ª ed. - São Paulo - Editora Ática, 1987

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª ed. - São Paulo - EDUSP, 2017 [1996]

Fonte da imagem: Disponível em: <http://pt.coolclips.com/m/vetores/vc008028/globo,-a-geografia,-mundo/> Acesso em: 06/04/2019

INFORMES GERAIS

PRORROGAÇÃO DA SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES DISCENTES PRESENCIAIS

Em conversa com Maurício Klemann, acadêmico do curso de graduação em Agronomia, atualmente Presidente do DCE e membro titular representante discente no Conselho Universitário da UFFS, fomos informados que:

“Na sessão de 29 de abril de 2020 do Conselho Universitário da UFFS, foi aprovada a prorrogação da suspensão do calendário acadêmico por tempo indeterminado, sendo que o CONSUNI irá se reunir no dia 27/05/2020 para fazer uma análise do panorama. Caso o CONSUNI delibere pelo retorno as aulas, a retomada do calendário acadêmico será em no mínimo 10 dias após a publicação da resolução, para que todos tenham tempo de se organizar.”

Sendo assim, até o momento não existe previsão da retomada as aulas. Entretanto, é válido salientar que deveremos ficar atentos as deliberações dos órgãos colegiados da UFFS, para que assim nos mantenhamos informados das decisões tomadas.

Att. Diretoria do CAGET

DELIBERAÇÕES DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA SOBRE EAD/SEMPRESENCIAL

REUNIÃO ORDINÁRIA 20/04/20 E EXTRAORDINÁRIA 30/04/20

Em duas reuniões, o colegiado de Geografia pautou o debate sobre a oferta de CCR's do curso na modalidade EAD/Semipresencial, conforme orienta a Resolução N°03/GR/UFF/2020.

Na reunião ordinária do dia 20/04/2020, após muito debate, optou-se por aguardar o relatório, que é resultado da pesquisa aplicada pelo CAGET, para que somente então pudéssemos deliberar sobre o ponto de pauta.

Assim sendo, a diretoria do CAGET enviou à coordenação do curso, o relatório que compõe este jornal como última matéria, no dia 24 de abril de 2020.

Conscientes do resultado do relatório, os membros do colegiado se reuniram, extraordinariamente, no dia 30/04/2020 para deliberação conforme combinado na reunião anterior. Após debates e conversas, o colegiado de Geografia decidiu pela **não oferta de CCR's à distância** conforme orienta a Resolução 03/CONSUNI/UFFS. Entretanto, os professores são livres para manter o contato caso assim queiram.

Att. Diretoria do CAGET

ANÚNCIOS

	<p>Trancista e maquiadora</p> <p> @bm_maqui</p> <p> (49) 9 8828 1999</p> <p> Chapecó, SC</p>	<p>TRUFAS ARTESANAIS</p> <p><i>Shara Trufas</i></p> <p>contato: (49)99947-3453</p> <p>*trufas artesanais;</p> <p>*chocolate de qualidade;</p> <p>*ótimo preço.</p>	<p><i>Atayde Photo</i></p> <p>"Guardando os momentos com toda sua emoção e revivendo com toda intensidade"</p> <p> @ATAYDE_PHOTO</p> <p> 49 9 91255461</p>
<p><i>Sebo Capim Guiné</i></p> <p>LIVROS USADOS E NOVOS EM CHAPECÓ</p> <p>VENDA - COMPRA - TROCA</p> <p> Entregamos em qualquer local de Chapecó</p> <p> Sebo Capim Guiné sebo_capim_guine</p> <p> (49) 9 9941-2517</p>	<p>Gerson Jr. Naibo</p> <p><i>Maquiagens & Consultorias de Beleza</i></p> <p>Não espere mais e agende já o seu atendimento</p> <p> (49) 9889-3172</p> <p> @gersonjuniornaibo</p>	<p><i>Solar</i></p> <p>PLANTAS ORNAMENTAIS</p> <p> @plantas_ornamentais_solar</p> <p>(47) 98479-5019 Eduardo</p> <p> (27) 99652-0022 Felipe</p>	

Anuncie Aqui!

Anúncio gratuito para estudantes do curso de Graduação em Geografia ou do PPGGeo.

Entre em contato conosco por meio do e-mail: jornalgeografico.uffs@gmail.com



DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

Considerando que a UFFS encontra-se com o calendário acadêmico suspenso devido à pandemia do COVID-19, o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, juntamente com os Centros Acadêmicos e a ONG Simplificação, organizaram uma Rede de Solidariedade Estudantil, uma ação que visa a doação de cestas básicas e produtos de higiene aos estudantes de baixa renda que não voltaram para os seus municípios de origem e que não tem mais acesso ao Restaurante Universitário.

QUER DOAR?

As doações podem ser realizadas por transferência ou depósito bancário com os seguintes dados:

Banco do Brasil

Agência: 1698-5 | Conta: 10415-9

CPF: 098.321.589-82

Titular: Gerson Junior Naibo | Secretário-Geral do DCE UFFS - Chapecó (Gestão 2019/2020)

Para doar alimentos e produtos de higiene é só entrar em contato pelo Instagram @dceuffs ou pelo WhatsApp (48) 99829-7660

QUER RECEBER?

Para solicitar a doação é necessário acessar o link para preenchimento do formulário online: <http://abre.ai/acaosolidariauffs>. Todos os estudantes podem participar. A distribuição das Cestas Básicas com alimentos e produtos de higiene se dará de acordo com o grau de vulnerabilidade: V1 (estudantes que não recebem os

auxílios socioeconômicos) ou V2 (estudantes que recebem os auxílios socioeconômicos).

As entregas das cestas serão realizadas pela direção do DCE.

Entraremos em contato com os solicitantes, após o preenchimento do formulário. Na entrega seguiremos todos os padrões de higienização dos produtos e evitaremos aglomerações.

Ajude a divulgar.

Qualquer ajuda é bem-vinda!



Att. Diretório Central dos Estudantes
Gestão da Unidade Nascerá a Esperança.



PROJETO ESCUDO DE PANO

Quem Somos?

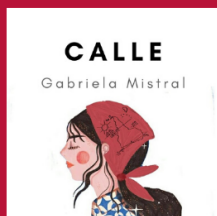
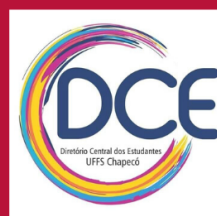
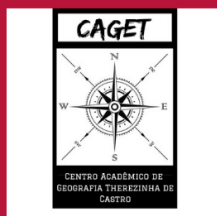
O Projeto Escudo de Pano, é uma iniciativa dos estudantes e das entidades de representação estudantil da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Chapecó*, com trabalho totalmente voluntário, e sempre seguindo as medidas de segurança recomendadas pelos órgãos oficiais de saúde. Sem fins lucrativos, dependente de sua solidariedade e empatia para acontecer.

O Projeto propõe, por meio do recebimento de doações, confeccionar e distribuir máscaras de proteção fácil para estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica, e pessoas da comunidade regional que também se encontram nesta mesma situação de vulnerabilidade, entre tantas outras que necessitam e/ou passarão a necessitar.

Missão

Nossa missão é com o apoio e a solidariedade popular, produzir e distribuir de forma gratuita, máscaras de proteção facial, como forma de proteção individual e social contra o coronavírus, para que juntos possamos garantir proteção a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Apoiadores



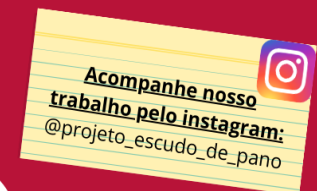
Como ajudar?

Você pode nos ajudar de diversas maneiras, aceitamos doações de tecidos que seja 100% algodão, linhas de costura, elásticos para máscaras, e com o empréstimo de máquinas de costura.

Se você mora na região central de Chapecó, buscamos a doação em sua residência.

Você também pode nos ajudar com doações em dinheiro, de duas maneiras: por meio da vaquinha online disponível na bio de nosso instagram @projeto_escudo_de_pano, por meio da qual são possíveis doações em boleto ou cartão de crédito.

Caso prefira, sua doação poderá ser realizada por meio de transferência/depósito bancário, através das seguintes contas:



Nosso ponto de coleta:

Rua Barão do Rio Branco, nº
66D, Edifício Borsato,
Ap. 702.

Responsável:

Jean Lucas Magnus Rodrigues
Contato: (51) 98537-3086

Transferência/Depósito

Caixa Econômica:

Agência: 0414
Operação: 001
Conta: 67250-4

Responsável:

Cleber Felipe Martins Esposti

Transferência/Depósito

Banco Do Brasil:

Agência: 0928 - 8
Conta: 39978 - 7

Responsável:

Eduardo Cesar da Costa

Precisamos de você!!!

CONTATOS:

projetoescudodepano@gmail.com
@projeto_escudo_de_pano
ou
Gabriela Atayde - (49) 9912-5546
Eduardo Costa - (47) 98479-5019
Felipe Martins - (27) 99652-0022

Contamos com seu apoio!

Att. Equipe Escudo de Pano

PESQUISA CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

REESTRUTURAÇÃO URBANA E DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CHAPECÓ

Vinicius da Rocha Fonseca
viniciusfon@gmail.com

Acadêmico do curso de graduação em Geografia da UFFS, *Campus* Chapecó - SC
 Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ

Comparação é o ato de relacionar dois objetos e, assim, poder demonstrar ou somente analisar suas disparidades e semelhanças. No caso desta pesquisa, que é vinculada ao subcampo disciplinar da Geografia Urbana, mas também ocorrendo uma conexão com a Geografia Econômica, Cultural, Política, entre outras, ocorre a comparação de como as cidades se reestruturam diante do desenvolvimento do capitalismo no espaço, especialmente desde 1970, dando ênfase a duas cidades latino-americanas, uma sendo uma cidade média e relativamente nova, Chapecó, oeste do estado Santa Catarina, Brasil, e a outra sendo uma metrópole antiga, Córdoba, Província de Córdoba, Argentina.

Córdoba e Chapecó não possuem um papel urbano semelhante, mas ambas sofrem diferentes processos de rupturas e transformações em seus espaços, devido às crises de acumulações, que o sistema de produção capitalista acaba por criar, gerando assim, uma primeira semelhança aparente entre as duas cidades, a intensificação da diferenciação socioespacial, que se torna, por sua vez, o objetivo geral desta pesquisa. Fazendo relação e tendo como base, na verdade, outras pesquisas preexistentes a respeito de ambas as cidades, portanto, acaba servindo como ponte para diversas análises comparativas. É a essa proposta que está vinculado o projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Reestruturação urbana e diferenciação socioespacial em Chapecó”, sob

orientação do Prof. Dr. Igor Catalão, com financiamento da CNPq e bolsa da UFFS.

Realizada sob uma ótica mais voltada para a geografia crítica e, assim, por sua vez, vendo o espaço como sendo um produto das relações sociais de produção do capitalismo, mostra a cidade enquanto meio a partir do qual o capitalismo se desenvolve, mas também como produto dessas relações. Torna-se possível analisar rupturas e transformações nos âmbitos produtivos, espacial, regional e na divisão do trabalho, no âmbito da reestruturação urbana.

Inicialmente com o levantamento e leitura do referencial teórico, a respeito da cidade de Chapecó e do conceito de reestruturação urbana, foi possível perceber a forte influência exercida pela agroindústria na estruturação da cidade, afetando as esferas social, política, ambiental e econômica, entre outras. A partir deste ponto, a pesquisa em Chapecó é realizada com levantamento de dados e informações de natureza socioeconômica, mapeamentos e trabalhos de campo, haverá mais elementos para uma análise sobre as articulações, especialmente econômicas, existentes no âmbito da produção do espaço.

O desenvolvimento capitalista, em diferentes momentos, tem passado por crises de acumulação que ensejam respostas econômicas conectadas com mudanças espaciais, especialmente neste período de intensificação da urbanização que é possivelmente um dos maiores motores contemporâneos deste modo de produção (HARVEY, 2014).



Fonte: Acervo do autor

PESQUISA CIENTÍFICA NA PÓS-GRADUAÇÃO

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: REPENSANDO A ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA FUMAGEIRA NO RIO GRANDE DO SUL.

Ana Julia Barzotto

anajubarzotto@estudantes.uffs.edu.br

Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS – Chapecó/SC

Atualmente o Brasil é o maior exportador e segundo maior produtor de fumo do mundo, são cerca de 10 indústrias, transnacionais nos três estados do Sul, que produzem cigarro ou exportam as folhas. Essas indústrias implementaram um sistema baseado na agricultura familiar, conhecidos como “contratos de integração” que vinculam os produtores ao pacote tecnológico. A microrregião de Santa Cruz do Sul é atualmente um importante núcleo de produção fumageira do Brasil, neste território é produzido 95% do tabaco brasileiro.

Essa condição de especialização regional traz como consequência grande vulnerabilidade econômica, a modernização e adaptação a globalização nesses casos, ocorre sobre o custo do bem-estar das populações locais. Além da vulnerabilidade política e territorial, devido à pouca ou nenhuma autonomia decisória regional.

O principal objetivo deste trabalho é examinar aspectos da especialização econômica regional ligada a produção de fumo no Rio Grande do Sul e investigar os planos de planejamento e desenvolvimento

regional que ocorrem nessa microrregião. Para isso será realizada uma leitura que busque compreender como eles são estruturados, quem os planeja, e se vem retornando bons resultados.

Destaca-se a relevância deste trabalho no âmbito do planejamento, visto que realizará uma leitura crítica desse dos planos, que reúnem uma diversidade de dados sobre

a região para subsidiar principalmente medidas para melhorias em infraestrutura, mas em nenhum momento destaca-se os problemas desencadeados pela especialização da produção de fumo.

Com os efeitos da globalização e a intensificação dos fluxos de mercadoria e informações, as consequências sobre o território são de interesse a diversas áreas do conhecimento. Esta pesquisa é uma continuação do trabalho que iniciei ainda no curso de Arquitetura e Urbanismo pela UFFS – Campus Erechim. Natural dessa região e filha de fumicultores, foi na graduação que adquiri a consciência de que a pesquisa pode e deve estar presente na nossa realidade. Atualmente desenvolvo a pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFFS.



Fonte: Acervo da Autora, 2018

RELATÓRIO

Pesquisa sobre a realidade da atual situação tecnológica e psicológica dos estudantes do curso de Geografia - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó: uma análise para o debate sobre aulas EAD/Semipresenciais.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Este relatório tem como objetivo apresentar e discutir os dados obtidos com a pesquisa sobre a realidade tecnológica, psicológica, e do posicionamento dos estudantes do curso de graduação em Geografia - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, sobre a possibilidade de realização de aulas nas modalidades EAD/Semipresencial durante a suspensão das atividades discentes presenciais em decorrência da pandemia de COVID-19 como orienta a Resolução Nº3/CONSUNI/GR/UFFS/2020.

A pesquisa aplicada inteiramente por meio digital, pela plataforma *Formulário Google*¹, entre os dias 21 e 23 de abril de 2020, foi organizada pela diretoria do Centro Acadêmico de Geografia Theresinha de Castro e teve como motivação, a necessidade de realizar uma sondagem sobre a realidade dos estudantes de nosso curso, para que assim, pudéssemos, em conjunto com o colegiado do curso de graduação em Geografia, debater e discutir propostas viáveis a este momento de exceção.

Como obrigatoriedade, o formulário exigia a inserção dos nomes de todos que responderam o questionário, para que pudéssemos confirmar que quem respondeu, corresponde a um aluno efetivamente matriculado em nosso curso.

O questionário recebeu 73 respostas, no entanto, em conferência, verificou-se a existência de uma resposta repetida, que já está sendo desconsiderada neste relatório, o qual conta com 72 respostas válidas.

As questões foram formuladas com o intuito de abarcar a maior quantidade de variáveis possíveis que envolvam um ensino na modalidade EAD/Semipresencial, para um grupo de professores e estudantes que até este momento não estavam preparados para isto. Além disso, buscamos englobar no conjunto de questões, perguntas que consideram a realidade psicológica dos estudantes, e também, se estes consideram que têm a capacidade de ter um aprendizado proveitoso nesta modalidade e neste momento.

O questionário foi dividido em duas seções, sendo que, a que discutiremos neste relatório corresponde a 1ª seção do questionário. A segunda seção corresponde à realidade financeira, de saúde e de isolamento dos estudantes, e foi aplicada com questões não obrigatórias, para que sirva como norteammento das ações desempenhadas pela diretoria do CAGET.

Foram ao todo 10 questões (Quadro 1), dentre as quais existiam questões de Múltipla Escolha [ME], e Opções Previamente Inseridas [OPI] ao formulário. As questões de ME tinham obrigatoriamente somente uma opção para escolha do entrevistado, enquanto que nas perguntas de OPI, o entrevistado poderia selecionar uma ou mais opções.

A maioria das questões tinha a opção “Outro...” para que o entrevistado, não se sentindo contemplado com nenhuma das opções propostas, pudesse sugerir uma resposta alternativa. Neste relatório consideramos as respostas dissertativas do campo “Outra...” como *Não Se Aplica* (NSA), tendo em vista que se tratam de respostas longas e que explicitam questões pessoais e convicções dos estudantes, e que foram, mesmo assim, consideradas para debate da diretoria do CAGET, entretanto, não atendem ao objetivo deste relatório.

Quadro 1 - Perguntas que compõem o questionário aplicado pelo CAGET

Nº Questão	Pergunta	ME/OPI
01	“Você possui acesso a rede de internet em seu domicílio?”	ME
02	“Qual a forma de acesso a rede de internet você mais utiliza em seu domicílio?”	OPI
03	“Quais aparelhos você possui para acessar a internet de modo geral?”	OPI
04	“Quais plataformas você considera que a sua rede de internet e os aparelhos que você utiliza para acessá-la, podem operar para a sua participação nas aulas nas modalidades EAD/Semipresencial com facilidade?”	OPI
05	“Você considera que a sua rotina e sua realidade em isolamento lhe permitiriam ter aulas nos formatos EAD/Semipresencial com qualidade?”	ME
06	“Você considera que possui capacidades de aprendizagem para ter aulas nos formatos EAD/semipresencial?”	ME
07	“Você considera que em sua atual situação psicológica você teria capacidade de aulas nos formatos EAD/semipresencial?”	ME
08	“Você considera que a realização de aulas EAD/semipresencial acarreta em prejuízos em sua formação como Licenciado em Geografia?”	ME
09	“Considerando suas respostas anteriores e suas convicções pessoais, você se posiciona favorável ou contrário a realização das aulas nas modalidades EAD/semipresencial em nosso curso?”	ME
10	CCR's indicadas como “Tenho disponibilidade e capacidade em realizar no formato EAD/Semipresencial” pelos acadêmicos na pesquisa, em relação à quantidade total de matriculado por CCR.	OPI

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020

Consideramos que é extremamente importante ressaltar que, devido ao formulário ter sido aplicado de forma totalmente digital e pela internet, e considerando que parte desta pesquisa envolve questionamentos sobre a disponibilidade de acesso a internet dos estudantes, é preciso considerar que muitos estudantes que não tem acesso a rede de internet em suas residências e estão cumprindo o isolamento social, provavelmente sequer souberam da aplicação deste questionário, o que gera uma margem de erro que tende a inflar a quantidade de alunos sem acesso a rede e computadores e/ou aparelhos com tal acesso.

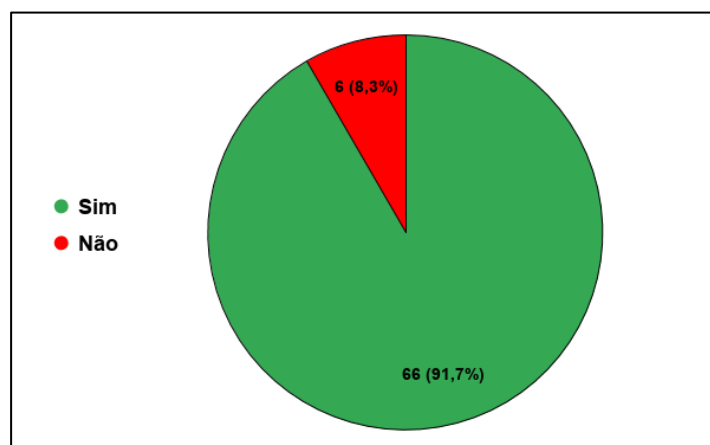
ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Sem acesso a rede e sem o aparato necessário para isso, por parte dos estudantes, qualquer outro debate sobre aulas EAD/Semipresenciais, perde efeito pois não existe aplicabilidade.

Tendo isto em vista, as 5 primeiras questões do questionário aplicado, têm como objetivo realizar uma sondagem sobre as condições de acesso a rede de internet de modo geral por parte dos estudantes.

Considerando os pontos citados, iniciamos o questionário com 2 perguntas voltadas a elucidar a quantidade de alunos que têm acesso à rede de internet em seus domicílios (Gráfico 1) e quais eram as formas de acesso (Gráfico 2).

**Gráfico 1 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
"Você possui acesso a rede de internet em seu domicílio?"**



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Como vislumbrado no gráfico, uma pequena parcela dos estudantes, 6 dos 72 que responderam, o que corresponde à 8,3% do total, não possuem qualquer tipo de acesso à internet em suas residências.

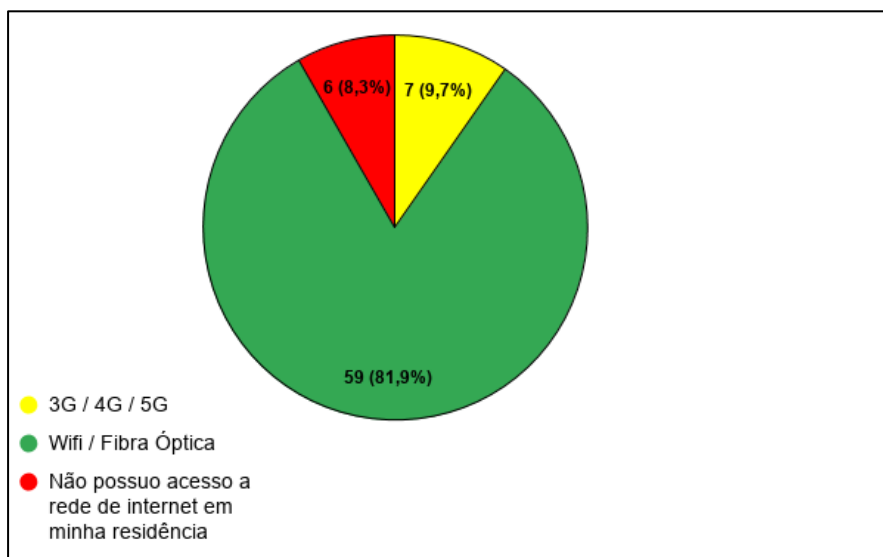
Embora pareça um número pequeno, somente de partida, qualquer modalidade de ensino que demande de acesso à internet já deixaria 8,3% dos alunos que responderam o questionário para trás. Isso por si só já é um ponto relevante a se considerar, mas como já citado, o questionário foi aplicado de forma 100% online e com divulgação por meio de e-mail e redes sociais, o que significa que os estudantes que não possuem acesso a rede de internet em suas residências e não estão frequentando qualquer outro ambiente (como trabalho, que pode ter rede de internet aberta a funcionários) devido ao isolamento social, não responderam e sequer souberam notícias sobre esta pesquisa. Isso infla a quantidade de estudantes que não possuem acesso à internet em suas residências e não nos permite mensurar em números qual a quantidade de estudantes nesta situação, embora saibamos que muito provavelmente eles existem.

Entretanto, compreender a situação de acesso a rede de internet, não parte somente do princípio de se ela existe, mas também qual a sua estabilidade e qualidade. O gráfico 2

busca elucidar qual a forma de acesso à rede de internet dos estudantes para que possamos minimamente compreender qual a estabilidade do acesso destes.

De acordo com o gráfico grande parte dos estudantes (81,9%) que têm acesso a rede de internet, este ocorre por meio de Fibra Óptica ou qualquer outra modalidade que permita roteamento de sinal Wireless. Além dos 8,3% que não possuem acesso a rede de internet que já haviam sido citados no gráfico anterior, 9,7% dos estudantes possuem acesso a rede de internet por meio de sinal 3G/4G/5G.

**Gráfico 2 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
“Qual a forma de acesso a rede de internet você mais utiliza em seu domicílio?”**



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Com isso, sabemos que dos 91,7% dos estudantes que possuem algum modo de acesso a rede de internet, 9,7% a tem por meio de um sinal que garante menos estabilidade e agilidade para navegação. Em alguns casos este sinal pode não suportar a demanda necessária para a realização de videoconferências ou até mesmo dificultar o acesso a vídeos publicados em plataformas de vídeo.

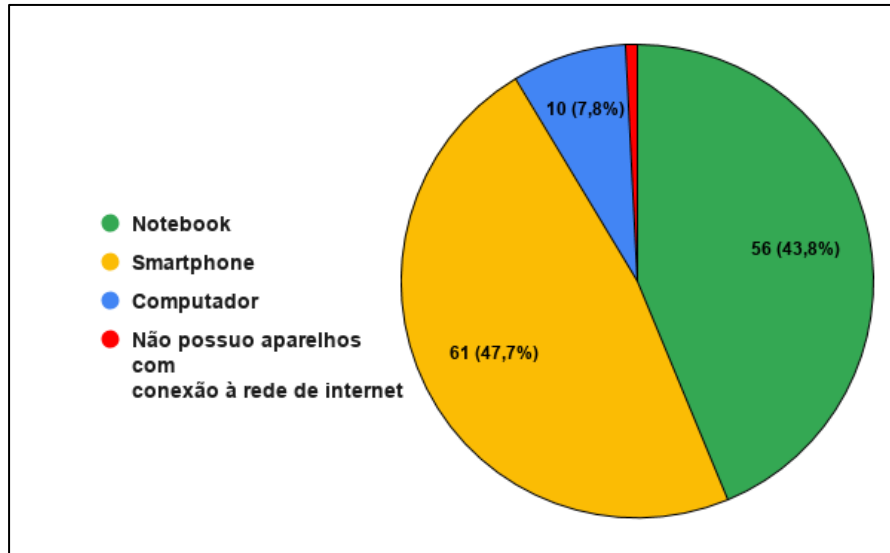
Outro ponto importante, e que não foi abordado na pesquisa, é de qual é a forma de contratação deste sinal, tendo em vista que planos pós-pagos tendem a garantir uma maior qualidade de acesso e por mais tempo, enquanto que em planos pré-pagos o custo pode se tornar elevado para alguém que não contava com esta despesa em seu orçamento para garantir a participação das aulas, e além do mais, geraria certa instabilidade.

Com estes dados sabemos então, que dentre os 72 estudantes que responderam o questionário, 6 não possuem acesso a rede de internet em suas residências e 7 possuem acesso com maior probabilidade de instabilidade e com restrições a certas plataformas e formatos de aulas. Relembrando a existência de estudantes que não tiveram acesso ao formulário justamente por este motivo.

Além do acesso a rede de internet, se faz necessário o uso de equipamentos para tal fim. Com este intuito a pergunta 3, que originou o gráfico 3, busca compreender por

que aparelhos, possíveis aulas nos formatos EAD/Semipresenciais seriam acompanhadas por parte dos estudantes deste curso.

Gráfico 3 - Resposta dos acadêmicos à pergunta: “Quais aparelhos você possui para acessar a internet de modo geral?”



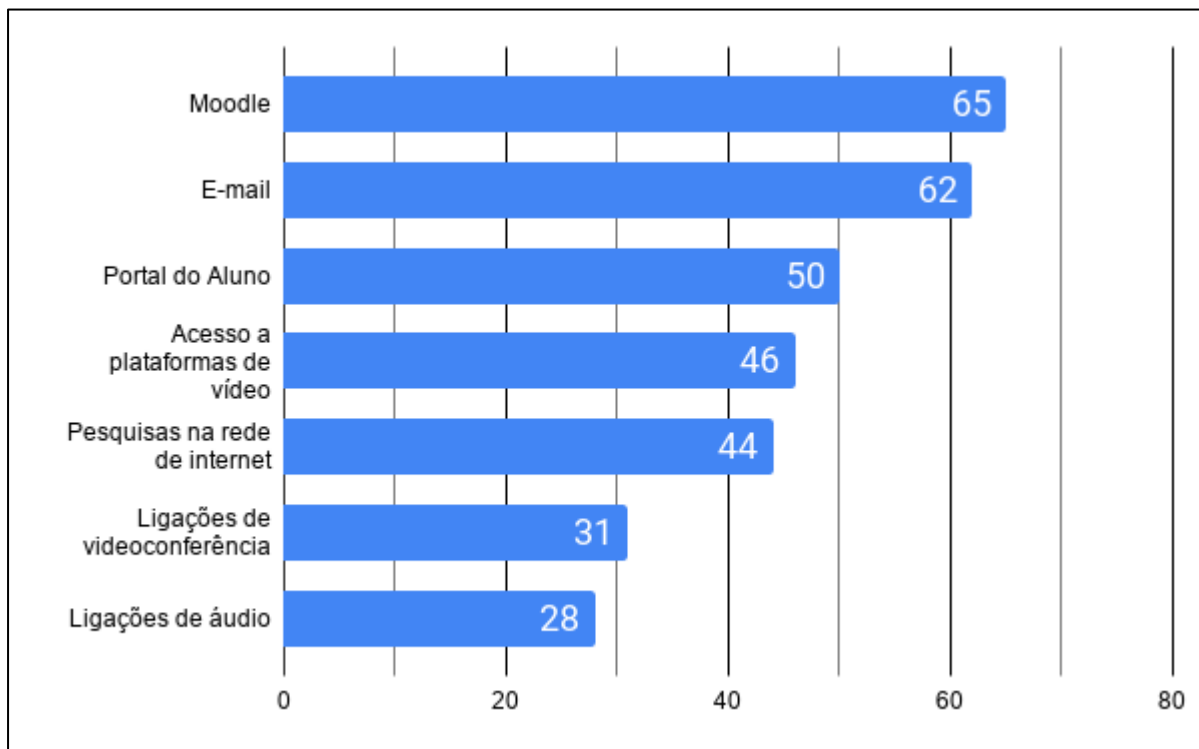
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Conforme demonstrado no Gráfico 3, a maior parte dos estudantes possuem Smartphones (47,7%) e Notebooks (43,8%), 7,8% possuem computadores e 0,8% (1) afirma não possuir aparelhos com esta finalidade. Com isto, podemos observar que além de 1 estudante não ter aparelhos com acesso à internet, muitos estudantes possuem smartphones como único modo de acesso a rede de internet, o que limita em grande parte as possibilidades de acesso a determinadas plataformas e a garantia da participação dos estudantes em determinados formatos de aulas.

Embora saibamos quantos alunos possuem acesso à internet e quais os aparelhos utilizados para isto, é necessário considerarmos que em cada aparelho e residência existirão determinadas especificidades que demandam atenção no momento de pensar em aulas nos formatos EAD/Semipresencial, se estas ocorrerão e como ocorrerão. Com este intuito, o Gráfico 4 busca elucidar a realidade de acesso dos estudantes que responderam ao questionário.

O gráfico nos demonstra quais as plataformas que os estudantes consideram que suas redes de internet e seus aparelhos conseguem acessar com facilidade, e pode-se observar que em grande parte a possibilidade de acesso está em plataformas como Moodle (65) e E-mail (62), com menor quantidade, Portal do aluno (50), Acesso a plataformas de vídeo (46), Realização de pesquisa na internet (44), e menos da metade dos entrevistados consideraram possível o uso de Ligações de videoconferência (31) e Ligações de áudio (28). Estes dados nos permitem visualizar, caso adotemos as modalidades de EAD/Semipresencial em nosso curso em algumas ou todas as CCR's, qual o tamanho das limitações que teríamos para garantir a participação dos estudantes nas aulas destas modalidades.

Gráfico 4 - Resposta dos acadêmicos à pergunta: “Quais plataformas você considera que a sua rede de internet e os aparelhos que você utiliza para acessá-la, podem operar para a sua participação nas aulas nas modalidades EAD/Semipresencial com facilidade?”



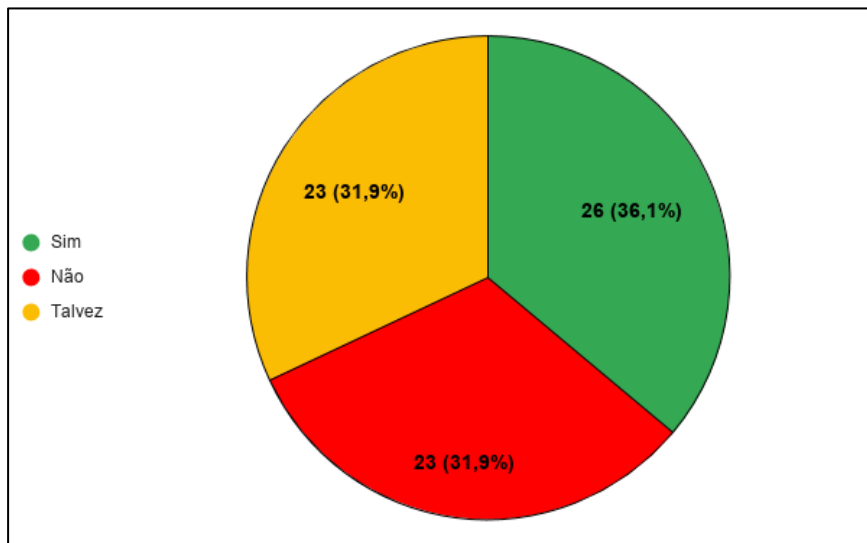
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Para além da realidade tecnológica dos estudantes, é importante sabermos a realidade psicológica, rotina e capacidade de aprendizagem destes estudantes nesta modalidade. Os dados obtidos com as questões 5, 6 e 7 que geraram os respectivos gráficos, esclarecem alguns pontos importantes a serem considerados neste processo de debates.

O gráfico 5 demonstra respostas acerca da rotina e da realidade dos estudantes em isolamento, e se estes consideram que seria possível a sua participação em aulas nas modalidades em questão.

O gráfico demonstra que de forma muito equilibrada e distribuída entre os que consideram que em suas rotinas e realidade as aulas EAD/Semipresenciais são uma possibilidade com qualidade de aprendizado (36,1%) e 31,9% consideram que estes fatores não permitiriam aulas EAD/Semipresenciais com qualidade de aprendizagem e a mesma quantidade considera que isso talvez seja possível.

**Gráfico 5 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
“Você considera que a sua rotina e sua realidade em isolamento lhe permitiriam ter aulas nos formatos EAD/semipresencial com qualidade?”**

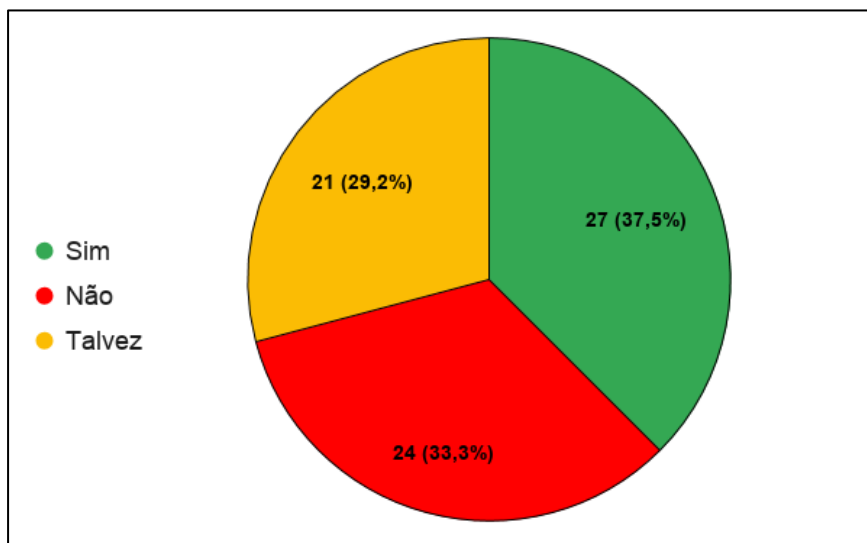


Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

As aulas nas modalidades EAD/Semipresenciais demandam um ambiente e uma rotina específica, e de acordo com o gráfico, é possível observar que esta não é a realidade dos estudantes ou ao menos não parece uma garantia para a maioria. Isso gera algumas incertezas, e este fator pode afastar ainda mais os estudantes, que é justamente o oposto do que precisamos. A evasão já era um problema em tempos de aulas presenciais, nossas medidas não podem piorá-la em tempos de pandemia.

O gráfico 6 demonstra os dados obtidos sobre a autoavaliação dos estudantes sobre a capacidade de aprendizagem nas modalidades propostas.

**Gráfico 6 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
“Você considera que possui capacidades de aprendizagem para ter aulas nos formatos EAD/semipresencial?”**



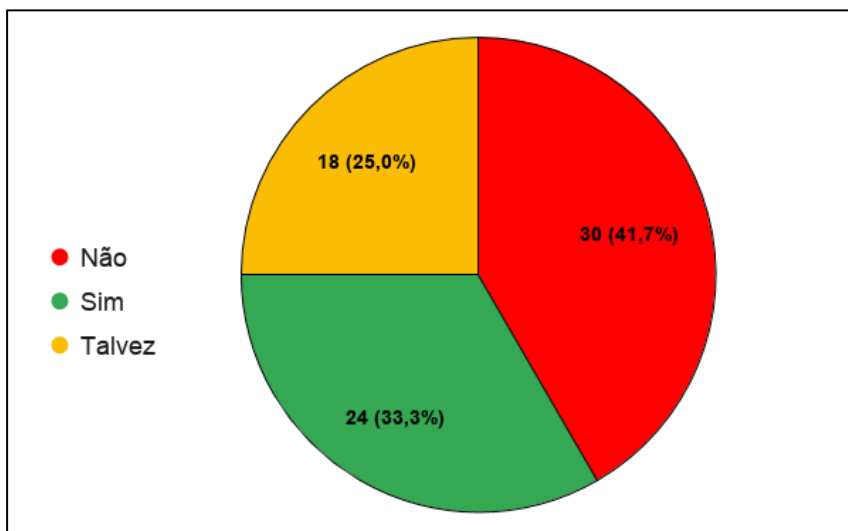
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Os resultados demonstram que 37,5% dos estudantes consideram que possuem capacidade de aprender nas modalidades propostas, 33,3% consideram não possuir capacidade de aprendizagem com qualidade nas modalidades propostas e 29,2% acreditam que isto talvez seja possível.

Isso também é preocupante no atual cenário, tendo em vista que o momento exige medidas de urgência o que acarreta em menor tempo para preparação. Com isso devemos nos atentar para que as aulas nos formatos EAD/Semipresenciais, caso sejam realizadas, busquem, de fato, consolidar a relação ensino-aprendizagem com qualidade a todos, inclusive os que reconhecem poder ter dificuldades de aprendizagem.

O gráfico 7 apresenta os dados obtidos sobre as considerações dos estudantes sobre a capacidade psicológica de participar de aulas nos formatos EAD/Semipresencial.

**Gráfico 7 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
“Você considera que em sua atual situação psicológica você teria capacidade de aulas nos formatos EAD/semipresencial?”**



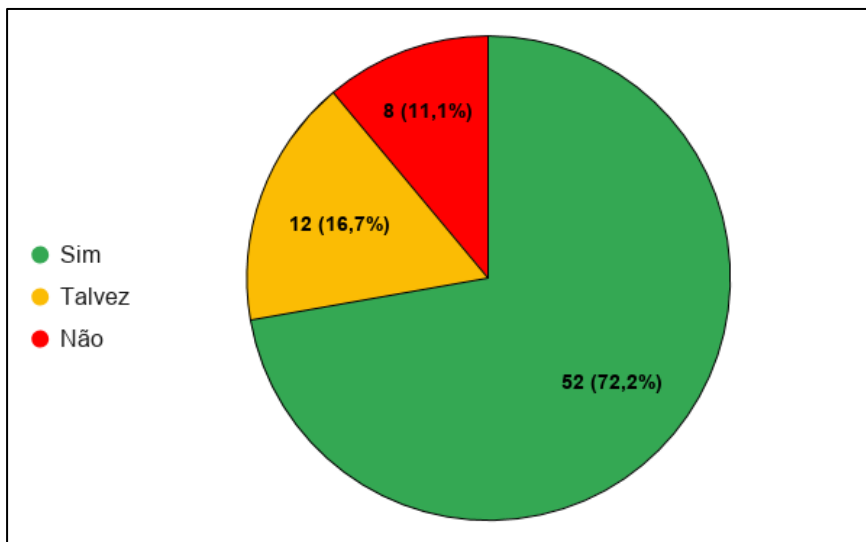
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020

Os dados do Gráfico 7 nos trazem ainda mais questionamentos quando nos deparamos com o fato de que 41,7% dos estudantes que responderam ao questionário, consideram que sua atual condição psicológica, não lhes permitiria participar de aulas nas modalidades propostas.

Considerando que a saúde psicológica interfere diretamente na capacidade de aprendizado, e que a maioria dos estudantes não considera possível sua participação nas aulas justamente por este motivo, como poderíamos realizar aulas pontuando cada uma das colocações até aqui feitas e ainda com estudantes psicologicamente abalados em meio a uma pandemia, de modo que as aulas tenham o mínimo de aproveitamento por parte de todos?

Os gráficos 8 e 9 buscam apresentar a opinião dos estudantes do curso sobre aulas nas modalidades EAD/Semipresencial, para que possamos considerar isso em nossas decisões também.

**Gráfico 8 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
“Você considera que a realização de aulas EAD/Semipresencial acarreta em prejuízos em sua formação como Licenciado em Geografia?”**



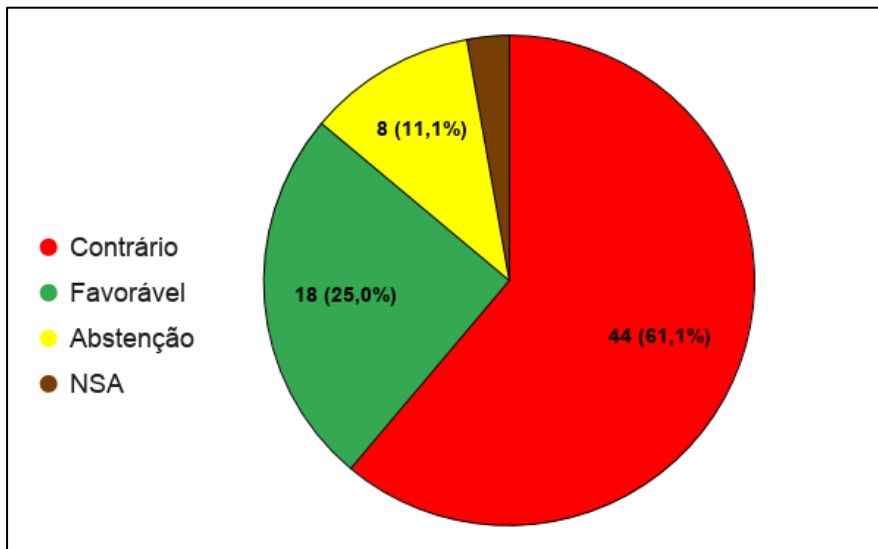
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020.

De acordo com o gráfico, a maioria dos estudantes (72,2%) considera que aulas nas modalidades EAD/Semipresencial acarreta em prejuízos na formação como licenciado em Geografia, o que ajuda a compreender os motivos dos resultados expressos no Gráfico 9. A substituição (sem considerar as várias realidades existentes no curso para as tomadas de decisões, que seja apressada, impensada e sem muito planejamento), das aulas presenciais por EAD/Semipresenciais, podem acarretar em uma série de prejuízos na formação dos estudantes, e acreditamos que aceitar isto com o intuito de cumprir calendário e formar-nos em menos tempo não parece uma alternativa viável nem para a diretoria que redige este relatório, nem para os estudantes que ela representa.

O Gráfico 9 apresenta o posicionamento dos estudantes, quanto a realização de aulas EAD/Semipresencial no curso de Geografia.

O gráfico aponta que 61,1% dos estudantes do curso de Graduação em Geografia - Licenciatura, se posicionam contrários à realização de aulas nas modalidades propostas, 25,0% favoráveis, 11,1% se abstiveram e 2,8% NSA.

**Gráfico 9 - Resposta dos acadêmicos à pergunta:
 “Considerando suas respostas anteriores e suas convicções pessoais, você se posiciona favorável ou contrário a realização das aulas nas modalidades EAD/Semi-presencial em nosso curso?”**

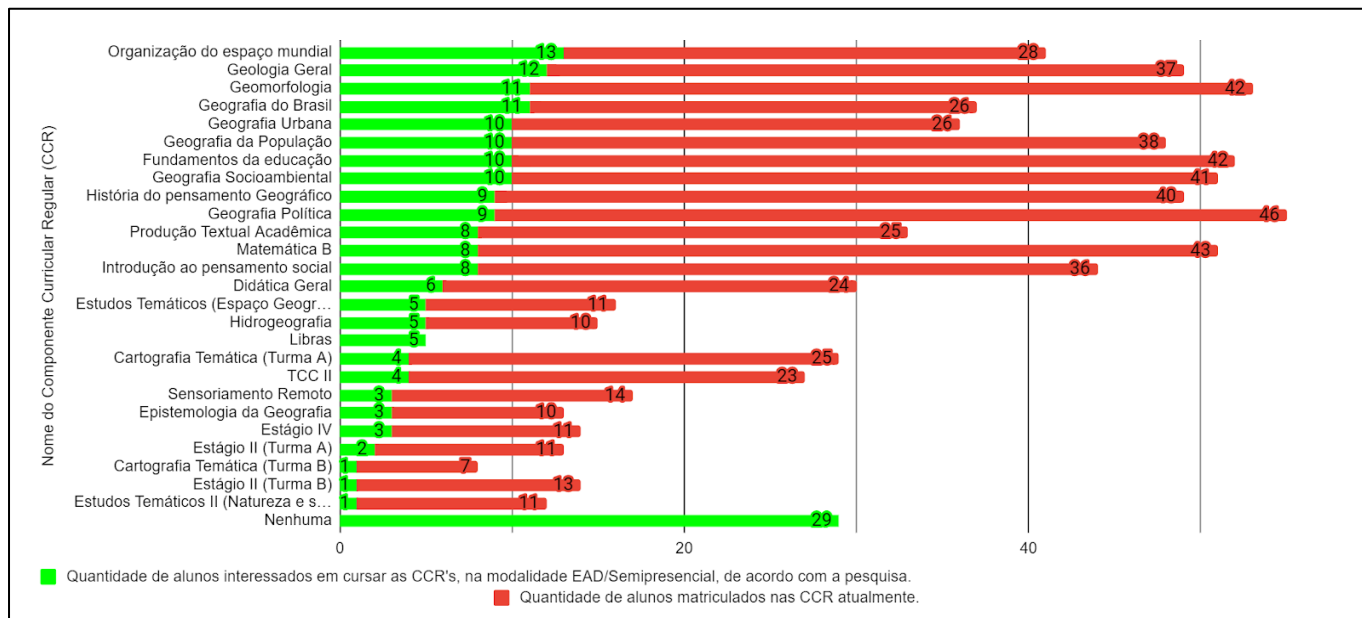


Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020.

Este posicionamento reflete a realidade dos estudantes de nosso curso, tanto tecnológica, quanto psicológica, bem como as convicções pessoais sobre a modalidade de modo geral, conforme já pode ser observado neste relatório. Além do mais, mantém o posicionamento que já havia sido deliberado em assembleia pelos estudantes.

Tendo em vista que a Resolução N°3/CONSUNI/GR/UFFS/2020, que orienta a realização de aulas nas modalidades semipresenciais, exige a concordância entre docente e TODOS os alunos matriculados na CCR, o gráfico 10 apresenta a relação das CCR's que os estudantes que responderam o questionário tem capacidade e disponibilidade de realizar na modalidade semipresencial.

Gráfico 10 - Resposta dos acadêmicos à questão: CCR's indicadas como "Tenho disponibilidade e capacidade em realizar no formato EAD/Semipresencial" pelos acadêmicos na pesquisa, em relação à quantidade total de matriculado por CCR.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos resultados da pesquisa, 2020.

É possível notar que a quantidade de estudantes com capacidade e/ou disponibilidade de cursar as CCR's sequer se aproxima da quantidade de matriculados. Mas precisamos considerar dois fatores: o primeiro é o de que alguns estudantes que poderiam realizar estas CCR's de forma semipresencial não responderam o questionário o que pode ter sido ocasionado pelos mais diversos motivos, tendo em vista que com 153 matrículas ativas no curso, tivemos somente 72 respostas; e o segundo é o de que muitos dos matriculados nas CCR's elencadas no gráfico 10 não são acadêmicos matriculados no curso de graduação em Geografia, seja por que a CCR é de domínio comum/conexo, ou seja por que se interessa pela temática da CCR.

Considerando estes fatores, e por não termos acesso aos nomes dos matriculados nas CCR's, acreditamos que talvez a forma mais precisa de realizar esta mensuração seja o próprio docente responsável pela CCR entrar em contato com os acadêmicos matriculados por meio das plataformas e canais oficiais para consultá-los sobre a possibilidade de realização de aulas nesta modalidade.

CONCLUSÕES, POSICIONAMENTO E PROPOSIÇÕES DO CAGET.

Considerando todo o material apresentado anteriormente, com o debate da última reunião do colegiado de Geografia, na qual nos surgiram uma série de questionamentos, alguns destes já podemos vislumbrar respostas. Entretanto, nos surgem uma série de questionamento que achamos válidos de serem pensados e respondidos antes de iniciarmos qualquer debate sobre a possibilidade de aulas nas modalidades EAD/Semipresencial. Sem respondermos estas questões estaremos sendo imprudentes e cedendo a uma pressão por cumprir um calendário que não é mais possível de ser cumprido com qualidade. Sendo assim nos perguntamos:

- Como garantir o acesso a aulas via web para todos?
- Como garantir a todos os alunos, todo o aparato necessário para acessar a internet com uma participação de qualidade?
- Como garantir um planejamento de aulas tão complexo com qualidade em tão pouco tempo?
- Como garantir que aqueles que terão extrema dificuldade de adaptação aos formatos propostos consigam participar e realizar as aulas e atividades de forma proveitosa?
- A quem o estudante irá recorrer caso não consiga acompanhar as aulas nesta modalidade?
- Os docentes, com suas agendas sempre lotadas, conseguirão atender a todas as demandas que serão geradas com esta modalidade?
- Como ter aulas proveitosas com o psicológico abalado motivada justamente pelo estado de pandemia instaurado que suspendeu as aulas? E quando as mortes ficarem mais próximas a nós?
- Aceitaremos o prejuízo causado por uma aula EAD/Semipresencial sem planejamento, impensada, e apressada para a garantia de cumprimento de 40% da carga horária?
- Conseguiremos planejar aulas de qualidade que atendam a realidade de capacidade de acesso dos estudantes?
- E por fim, quem ganha e quem perde o quê com aulas EAD/Semipresencial da forma proposta?

Embora nos posicionamos contrários a realização de aulas nas modalidades EAD/Semipresencial em qualquer CCR deste curso, em virtude dos resultados obtidos com a pesquisa e explicitados neste relatório, e do posicionamentos dos estudantes na última assembleia extraordinária do curso de Geografia realizada em 30 de março de 2020, acreditamos que precisamos agir para garantir o não rompimento dos estudos de algum modo.

Deste modo, além de nos posicionarmos, gostaríamos de ser propositivos para a garantia da permanência do contato entre docentes e estudantes e a garantia da continuidade da relação ensino-aprendizagem.

Iniciamos propondo a criação/menor utilização de redes sociais gerenciadas pela coordenação do curso/ colegiado. Acreditamos que esta medida já deveria ter sido tomada a tempos, mas não propusemos antes pois a necessidade não era tão urgente como agora é. Estas redes sociais poderiam servir, por exemplo, para a divulgação de materiais, vídeos ou outras propostas partindo dos docentes, divulgação de reuniões, pautas e atas, para a garantia de maior transparência nas questões envolvendo o colegiado do curso.

Outra proposta é a de que se criem com base nas CCR's, alguns planos de aulas que abarquem várias possibilidades, textos indexados, postados no moodle ou via e-mail, com vídeos sobre o tema entre outras possibilidades. Mas lembrando que isto não deveria ser aplicado de forma obrigatória.

Outra proposta, aproveitando o momento, seria a realização de aulas conjuntas entre dois ou mais docentes, realizando a interconexão entre as áreas de estudo. Os

docentes poderiam se juntar para planejar aulas que conciliam mais de uma CCR, e esta aula poderia ser aplicada por meio de videoconferência ou lives em redes sociais (podendo ser na que propusemos anteriormente). Inclusive, seria uma oportunidade de nos demonstrarem como dar uma aula realizando a junção entre Geografia Física e Geografia Humana.

Estas propostas partem do princípio de que queremos garantir a permanência do elo, entre os docentes, os estudantes e suas respectivas CCR's. Isto garantiria, para aqueles que têm acesso a rede de internet, a continuidade do contato. Para os que não tem acesso, teremos que pensar em conjunto, possibilidade e alternativas. Entretanto, caso o objetivo seja o de cumprir calendário, estas propostas não servirão. Neste caso, nos colocamos contrários desde o princípio.

Salientamos ainda, que temos plena consciência de que as previsões apontam para uma sequência de quarentenas e períodos de isolamento intermitentes, e que com isso, em algum momento existirá a necessidade de aulas EAD/Semipresenciais, inevitavelmente. Mas como dito, "em algum momento", e acreditamos que ele não seja este que vivemos.

Devemos aproveitar o momento para debatermos e pensarmos em soluções para as barreiras que agora sabemos que temos, para que em um futuro, no qual esta modalidade se torne a única solução, tenhamos capacidade de garantir que ela seja aplicada com qualidade e igualdade de acesso.

Para isso, deveremos agir no que nos compete como colegiado, entidade estudantil, docentes e discentes. Ao que compete a outros órgãos colegiados e instâncias, precisamos ajudar na construção de alternativas e soluções e realizarmos pressão quando necessário, algo que nos cabe como representantes.

Por fim, salientamos que o CAGET sempre está aberto ao debate e disposto a auxiliar no que for preciso. Nos colocamos como entidade de representação estudantil à disposição de tudo que for necessário para garantir aulas de qualidade e com garantia de acesso a todos.

Att.

Diretoria do Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro
Eduardo Cesar da Costa, Representante discente titular no colegiado de Geografia.
Shara Brunetto, Representante discente suplente no colegiado do curso de Geografia.
Nataly Retzer Paz, Representante discente suplente no colegiado do curso de Geografia.

Chapecó, 24 de abril de 2020